

1 – Introdução

O Deus Pai/Mãe cristão, o JHWH judaico, o Alá muçulmano, o Brahman hindu, o Nirvana budista, o Tao taoísta e assim por diante não são, enfim, mais que expressões diferentes com que várias tradições articulam uma experiência humana da realidade última; a realidade é a mesma e as experiências, não obstante as divergências que as caracterizam, têm igual valor. Todas as vias religiosas são igualmente salvíficas, porque tendem todas para a mesma realidade última.
Jacques Dupuis¹

Estar diante de D'us é como 'caminhar dentro de um santuário': a condição de santidade no plano humano está intimamente ligada ao descentramento de si mesmo, porque a visita de D'us rompe com a atração pelo pequeno Eu, atolado no Nada. O orgulho humano nada mais é que o desejo enlouquecido pelo vazio. Quando vemos D'us, o ridículo do orgulho se desfaz em poeira.
Luís Felipe Pondé²

A caminhada do povo de Deus na América Latina é composta de eclesialidades. Não apenas. Formam o rebanho do mesmo Pastor que tem também outras ovelhas (João 10.16). Desta mesma tradição da comunidade joanina, os latino-americanos aprenderam da diáspora, das distâncias físicas e culturais, e da submissão a centros de poder político, econômico e religioso. Na caminhada, a comunidade de fé prototipizada num personagem chamado o discípulo amado, por saber amar e crer, o manteve anônimo para que seus passos pudessem ser seguidos.

Os cristãos latino-americanos aprenderam que são povos a caminho (*sinodós*), que descendem dos povos de Deus que viviam neste continente desde tempos imemoriais, que receberam a fé cristã em fins do século XV, e dos imigrantes, com suas diferentes culturas, cosmovisões, religiões, ciências e saberes. Muitos outros vieram a essas mesmas plagas, de diversas regiões do mundo, levando também o que aqui viram, desde Pero Vaz de Caminha ao escrever a D. Manoel, Rei de Portugal, afirmando que

¹ DUPUIS, J. *O cristianismo e as religiões; do desencontro ao encontro*. Trad. O. S. Moreira. São Paulo: Loyola, 2004, p. 157. Jacques Dupuis (1923-2004), teólogo belga, especialista em diálogo inter-religioso, foi missionário na Ásia, professor na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, e autor de diversos livros sobre o tema.

² PONDÉ, Luís Felipe. A filosofia diante de D'us – um fragmento inacabado. In: TEIXEIRA, F., org. *Nas teias da delicadeza*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 21. Luís Felipe Pondé é filósofo e professor do Programa de Estudos Pós-Graduados de Ciência da Religião da PUC/SP. É formado em medicina e psicanálise pela Biblioteca Freudiana Brasileira. Atua na supervisão de profissionais de saúde que lidam com pacientes terminais.

certamente esta gente é boa e de bela simplicidade [...] a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho [...] Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! [...] Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar³.

Os frutos desses primórdios surgem séculos depois. Essa gente cresceu. A fé espalhou-se, confrontou-se com o cotidiano de dominação, sofrimento, subdesenvolvimento e miséria. Agora com a fé e a piedade arrastando milhões de pessoas a lutar por vida, dignidade e futuro, passam a contar com a teologia, um saber oriundo das tradições teológicas trazidas, mas re-nascido das comunidades, de onde parte o olhar para o conjunto da sociedade, que esperou séculos para ser admitido e ainda outros para ter seu discurso reconhecido, especialmente por ser urdido em meio às lutas dos pobres, receber ajuda dos/as teólogos/as que os defendem, ter definido seu estatuto ontológico pela libertação e descoberto sua vocação como um saber a serviço, sem perder o impulso da comunidade joanina: ser o caminho, a verdade, a vida, a voz, o pastor e a porta das ovelhas.

A formação teológica sistemático-pastoral nos ensina a pensar fazendo o balanço entre os teólogos clássicos, de um lado, e mantendo o olhar no cotidiano dos seres humanos e suas perguntas em meio à dor, do outro. Em tempos que as respostas dos catecismos e declarações doutrinárias não dão conta da complexidade das situações, e as análises dos manuais e as orientações pastorais mal detectam a gravidade das situações, cabe à teologia buscar novos caminhos, engendrar novas soluções e ser propositiva de novas práticas. Sem romper com a tradição, considerando que esta também se revisa, se renova e se reformula, nem esquecer que as propostas integram-se a ela, razão pela qual as tradições não são uniformes, mas complexas, tecidas na teia de sua época, e por isso mesmo marcadas por contradições, fissuras e dissidências.

³ LITERATURA BRASILEIRA. Textos literários em meio eletrônico. *A Carta*, de Pero Vaz de Caminha. *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.
<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html> Acesso: 19.05.2009.

A proposta de análise de *Eclesialidades e Diálogo inter-religioso* visa defrontar-se com os novos paradigmas da modernidade e pós-modernidade. Para tanto foi inevitável compreender as diferenças da lógica aristotélica, a fim de propor mudanças para a operacionalização do discurso teológico através da lógica proveniente da mecânica quântica. E, em seguida entender como a estrutura transdisciplinar ajuda a teologia, nascida no mundo binário, a lidar com o transreligioso. A primeira parte desta tese assume os novos paradigmas metodológicos, culturais e científicos que a teologia começa a assimilar aos poucos, para ter uma visão pastoral mais clara, refletir a partir da ótica ternária e entrar em contato com as ciências, das quais não pode mais prescindir.

A segunda parte aplica as bases dessa nova lógica à compreensão das contribuições hermenêuticas de movimentos teológicos de traço social e cultural periférico, possibilitando lidar com os pobres como sujeito eclesial, cultural e social, e entender as principais correntes teológicas da atualidade, entre as quais a da libertação, a feminista, a negra e a indígena, e suas razões. Esse fato possibilita detectar os elementos de novidade que trazem, dialogar com as exigências que colocam para os grandes sistemas teológicos e ouvir os clamores dos que mais sofrem em seu cotidiano, perguntando sobre como a visão teológica que daí resulta pode favorecer seu direito à vida, à mística, à reflexão a partir da fé e à produção de sentido.

E a terceira parte que, ao debater eclesialidades e diálogo inter-religioso, avança, no quinto capítulo, para dentro da perspectiva da pós-modernidade, pergunta como esta se relaciona com uma eclesialidade dialogal, com a desconstrução, dessacralização e as crises daí advindas, com as quais descobre que só pode participar do diálogo inter-religioso se também for efetivamente dialogal no plano intra-religioso. E, no sexto e último capítulo, apresenta uma proposta com elementos da transdisciplinaridade para o diálogo inter-religioso frente aos clamores da realidade latino-americana – as memórias de provação dos pobres, de dominação das mulheres, de exploração dos escravos e seus

remanescentes quilombolas e da sobrevivência associada à teologia de hibridismo e ressignificação dos indígenas – suscitando a urgência e o mérito das diversas questões em debate: a superação da teologia pré-moderna, a perspectiva confessional, na qual entram as visões católica – com exclusivismo e inclusivismo – e a protestante, através das quais essas tradições abrem mão da absolutez da sua fé cristã para aceitar a interpelação do diálogo. E a conseqüente necessidade de transição da Teologia Ecumênica à Teologia do Diálogo Inter-religioso, apesar do significado da perspectiva ecumênica, especialmente para as igrejas protestantes tradicionais, evangélicas, ortodoxas e pentecostais do mundo ocidental.

1.1. Paradigmas culturais da modernidade

Para chegar a este sumário, e conseqüentemente aprofundar a pesquisa, foi preciso constatar que a discussão dos novos paradigmas chega às Igrejas latino-americanas trazendo novos desafios, além da perspectiva da modernidade. As perguntas que indagam pela legitimidade e veracidade das conclusões do discurso teológico correto que os ocidentais julgam dominar, já surgiram há décadas. Entretanto, na penúltima década do século passado, passou a ser verbalizada por teólogos de expressão.

No ocidente, quase todos ‘nascemos’ cristãos. Daí a pergunta: não seremos cristãos devido ao local de nascimento? A questão já não é colocada como antes, em termos filosóficos ou metafísicos, e sim em termos antropológicos e culturais. E neste caso que existe de verdade no meu comportamento, uma vez que depende do acaso e do capricho da história?⁴

⁴ GESCHÉ, C. O cristianismo e as outras religiões. In: TEIXEIRA, F., org. Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 37. Adolphe Gesché nasceu em 1928 em Bruxelas (Bélgica) e aí faleceu em 2003. Era doutor em Teologia e graduado em Filosofia e Letras. Além do ministério presbiterial, lecionava na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Louvain e foi presidente da Sociedade Teológica de Louvain. Foi membro da Comissão Religião e Teologia no Fundo Nacional da Pesquisa Científica da Bélgica, da Academia de Ciências Religiosas (Bruxelas), da Associação Europeia de Teologia Católica (Tübingen) e da Comissão Teológica Internacional (Roma).

Enquanto a suspeita ganhava fôlego, começaram a se objetivar as questões a respeito das suas bases filosóficas e epistemológicas. Com o debate crescente em torno da lógica da mecânica quântica, as suspeitas começaram a se confirmar. Frente a essa situação, há setores da teologia que têm assimilado as novas epistemologias, se apropriado dos novos saberes e até adotado a nova metodologia para ampliar seu diálogo com a realidade. E, há os que ainda se sentem epistemologicamente atados a um *modus operandi* superado, ou protegidos pela autoridade pastoral, teológica ou acadêmica, ou ainda apreensivos em relação à influência e às conclusões que a nova lógica pode significar para a reflexão teológica. Apesar de sabermos que a lógica aristotélica, que serviu de base para o desenvolvimento de uma soteriologia excludente que, conseqüentemente resultou numa eclesiologia e numa pastoral com o balizamento dado por este perfil, possibilita um discurso arrogante, ainda etnocêntrico, e dá sustentação a uma pastoral invasiva e uma prática eclesial não-dialogal.

As pesquisas em torno da chamada transdisciplinaridade, que se desenvolveram a partir do início da década passada, avançaram da pluri ou multidisciplinaridade, como justaposição de várias disciplinas, sem tentativa de síntese, para a interdisciplinaridade, que objetiva a “síntese de duas ou várias disciplinas, instaurando um novo nível do discurso (metanível), caracterizado por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais”⁵. E daí para a transdisciplinaridade como “o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da realidade”⁶.

⁵ WEIL, P.; D’AMBROSIO, U.; CREMA, R. *Rumo a uma Nova Transdisciplinaridade; sistemas Abertos de Conhecimento*. São Paulo: Summus, 1993, p. 31. Pierre Weil (Estrasburgo, 16.04.1924 - Brasília, 10.10.2008) é um conhecido educador e psicólogo francês residente no Brasil. Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris. Lutou pela regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil. Assumiu a cátedra em Psicologia Social na Universidade Federal de Belo Horizonte. Atuou como reitor da Universidade Holística Internacional (Unipaz), desde 1987. Ubiratan D’Ambrósio (São Paulo, 08.12.1932) é um matemático e professor universitário brasileiro. Doutor em matemática, teórico da educação matemática e da Etnomatemática. É professor do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da Ciência, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, e do Programa Sênior da Universidade Regional de Blumenau. Roberto Crema é psicólogo e antropólogo do Colégio Internacional dos Terapeutas, analista transacional didata, criador do enfoque da síntese transacional, consultor em abordagem transdisciplinar holística e ecologia do Ser. Coordenou o I

Para entender a crise da razão ocidental recorreremos a Hilton Japiassu em sua reflexão sobre o surgimento de novos paradigmas na modernidade. Ele discorre sobre o conflito de conceitos estabelecidos pela crise e observou que Goethe, Diderot e Rousseau recusaram a ditadura da razão, transformando o geometrismo galileano em verdade absoluta e universal, sem poder dispensar a razão para construir pontes entre as coisas, já que é necessária “para demonstrar que a razão não existe, possui limites, não é onipotente e pode delirar ou enlouquecer: ‘O ser do homem não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade’ (Lacan)”⁷.

Japiassu usa a distinção de Immanuel Kant entre razão e entendimento, para dizer que este é o poder dos conhecimentos, entendido como a faculdade de ligar e ordenar o diverso sensível por uma síntese, ao passo que a razão é o poder dos princípios, como a faculdade de ligar e ordenar os diversos conhecimentos num sistema. No entanto, no século passado ficou demonstrado que a razão só se opõe à desrazão, sob a forma de confusão mental, desordem psíquica, imbecilidade, delírio e loucura.

Uma das vantagens de uma crise, nos lembra a filósofa alemã Hannah Arendt, é que nos obriga a voltar às questões mesmas, exigindo respostas novas e julgamentos diretos. Só se torna desastre quando a ela respondemos com preconceitos e falta de inteligência ou de sabedoria. Esta atitude, não somente a aguça, mas nos priva da experiência da realidade e da oportunidade que ela proporciona à reflexão⁸.

O fim do século passado viu surgir um abalo no campo das ciências, apesar de todos os seus avanços, com as grandes descobertas e as formulações incontestáveis, ao mesmo tempo que

o filósofo das ciências Karl Popper (+ 1994) nos convenceu de que uma boa teoria científica não é a que diz uma verdade definitiva, mas a que

Congresso Holístico Internacional e implementou a Formação Holística de Base. É membro da Associação Luso Brasileira de Transpessoal, da Fellowship Findhorn Foundation.

⁶ *Ibidem*.

⁷ JAPIASSU, H. *O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 85-6. Hilton Japiassu nasceu em Carolina/MA, licenciou-se em Filosofia (PUC/RJ), doutorou-se em Filosofia (Université des Sciences Sociales de Grenoble, França), e pós-doutorou-se em Filosofia (Université des Sciences Humaines de Strasbourg, França).

⁸ *Ibidem*, p. 86.

aceita ser submetida ao princípio da refutabilidade: 'O critério da cientificidade de uma teoria reside na possibilidade de invalidá-la ou refutá-la' (...) por isso, terminaram por ter que enfrentar o seguinte paradoxo: o Todo da Razão também é o triunfo da Desrazão: 'O Todo é o não-verdadeiro' (Adorno); 'Tudo o que é real é irracional, tudo que é irracional é real' (D. Huisman)⁹.

Nessa perspectiva, que traz a discussão do mundo subjetivo para o objetivo, especialmente na América Latina e sob a ótica da maioria da população – empobrecida, com baixo poder de intervenção e religiosa – somos confrontados com uma nova compreensão do mundo. É esta relação que precisamos compreender, diz Merleau-Ponty:

É por nosso corpo que percebemos o mundo. Este corpo vive, age, sente e vê. Está em relação com o mundo. Não é um observador objetivo nem uma pura interioridade absoluta. Esta maçã colocada diante de mim possui uma significação pela relação que estabeleço com ela: torna-se um objeto que podemos admirar ou pintar, o símbolo do pecado original. Essas propriedades não são atributos internos da coisa mesma nem um único dado de minha consciência: é uma relação que une o homem ao mundo (Phénoménologie de la perception, 1957)¹⁰.

Essas percepções e constatações de cientistas e pensadores de diversas áreas foram fundamentais para estabelecer novas leituras da realidade, mas a prova derradeira viria com as profundas indagações sobre o sentido da vida geradas pelo desastre do nazi-fascismo na Europa, promovendo um tal abalo na concepção de mundo, que faz surgir

uma urgente necessidade de um novo alento para respirar e interrogar-se sobre 'o sentido da vida', uma vez que a consciência nada mais é que uma 'relação com o mundo' definida pela intencionalidade: significação dada aos seres e às situações (...) à violência da Guerra, aos horrores dos campos de concentração nazistas e à loucura dos regimes totalitários, a Razão dos filósofos é submetida a um radical questionamento e a uma impiedosa crítica¹¹.

São os filósofos da Escola de Frankfurt, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Erich Fromm, que entenderam o fenômeno da crise da razão, fundamental para o mundo ocidental, como

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*, p. 88-9.

¹¹ *Ibidem*, p. 89.

uma ideologia alienante: a da tecnociência, da racionalização das tarefas, da eficácia, da perícia exprimindo os interesses da tecnocracia, do capitalismo e da burocracia totalitária. O Ocidente, desde as Luzes, identificou-se com a ideia de Razão, com a Ciência triunfante, com o Progresso, com a Liberdade e com o desabrochamento do indivíduo. A razão universal aparece como uma racionalização do etnocentrismo ocidental. A universalidade surge como a camuflagem ideológica de uma visão limitada e parcial do mundo e de uma prática colonizadora e como princípio justificador da superioridade de uma cultura e de uma civilização sobre as outras¹².

Esse conjunto devastador de fatos e os sentimentos de decepção que provocou nas populações e marcou as civilizações da época, levou os pensadores a mostrar que Razão rima com dominação e saber com poder, concluindo que o racionalismo ocidental se tornou produtor de sofrimento e exclusão, assim como os que advogavam a desconstrução (Heidegger) e os discursos da Verdade e da Realidade (Derrida e Foucault), atuaram nas décadas seguintes para desestabilizar os sistemas teóricos vigentes, mostrando a vaidade dos discursos e a pretensão de universalidade. E, no fim deste processo iconoclasta da razão, J. F. Lyotard anunciou o fim da confiança na virtude do progresso, da razão e de um futuro melhor, presentes nos grandes relatos da Modernidade, definindo: “Auschwitz é o crime que abre a pós-modernidade”¹³.

As teologias nascidas nesse período, bem como as fecundadas para as décadas seguintes, não se permitiram a incolumidade, nem a isenção e nem a insensibilidade, rejeitando a reflexão teológica que não se relacione com os novos paradigmas.

1.2 - A relação das eclesialidades com os novos paradigmas

Para compreender o papel das igrejas cristãs diante do diálogo inter-religioso é fundamental elaborar critérios de aproximação da realidade. Já aqui temos uma mudança significativa, que só pode ser percebida se as estruturas administrativas eclesiais se tornam mais sensíveis, refletem

¹² *Ibidem*, p. 92.

¹³ *Ibidem*, p. 93. Com isso a crítica à razão é feita a partir de um fundo histórico incontestável: duas Guerras Mundiais, Hiroshima e Auschwitz.

maior segurança da parte das lideranças locais, regionais e gerais, e sobretudo, se se dispuserem a estabelecer um processo real de diálogo com as instâncias teológicas e pastorais, e as comunidades que, em ambientes protestantes, não apenas compõem a capilaridade das instituições eclesiais, mas também são sujeitos ativos do diálogo.

A expressão *eclesialidades* reflete a análise de um fenômeno amplo e de dimensões mundiais, que não pode ser percebido numa só estrutura ou modelo eclesial, que apresenta um conjunto de elementos contraditórios e tem tal densidade, que as análises de corte especificamente pastoral, doutrinária, ou apologética que foram desenvolvidas nas últimas décadas têm-se mostrado insuficientes para a sua contenção. Os discursos e as decisões disciplinares das autoridades eclesiásticas tendem a tornar-se mais contundentes, exigindo mais fidelidade, ao mesmo tempo que se mostram ineficientes e parecem ter perdido parte de seu poder de persuasão ao longo das últimas décadas, sem que as igrejas tenham percebido que

há muitas vozes importantes no mundo que definem os contextos e às quais a igreja precisa ouvir cuidadosa e intencionalmente. Os clamores dos pobres, dos oprimidos, dos excluídos, dos esquecidos e dos silenciados apontam para a arrogância destrutiva dos poderosos e para a necessidade do reinado de Deus que irrompe em Cristo, onde há justiça e inclusão numa comunidade que oferece vida. (...) O engajamento ecumênico e os resultados de diálogos ecumênicos e inter-religiosos também fornecem uma perspectiva diferente e poderão dar vislumbres novos ou mais claros da irrupção do Reino de Deus no mundo¹⁴.

As eclesialidades são compostas de cristãos, “como afirmou a 10ª Assembleia da Federação Luterana Mundial em sua mensagem: ‘A missão de Deus é mais ampla do que as fronteiras da igreja’”¹⁵. Essa noção se firma na convicção teológica de que

o modelo trinitário também revela um aspecto transformacional do diálogo inter-religioso. Assim como o Filho se aventurou no desconhecido confiando no Pai e contando com a companhia do Espírito, a igreja também se aventura a entrar em diálogo com pessoas de religiões

¹⁴ FLM, Departamento de Missão e Desenvolvimento. *Missão em contexto: transformação, reconciliação e empoderamento*. Trad. de Neila Ucker. Curitiba: Encontro, 2006, p. 13.

¹⁵ *Ibidem*, p. 41.

diferentes, apegando-se à visão escatológica de que no final Deus será tudo em todos. Confiar no futuro de Deus empodera a igreja para se engajar num viver encarnacional e transformacional com pessoas de religiões diferentes como passageiros achegados no caminho de Emaús. Isso não diminui o testemunho das pessoas cristãs de que encontraram vida em abundância em Jesus Cristo. Apenas quando os cristãos estiverem dispostos a ouvir, com a mente e com o coração abertos, o que é o mais importante para as pessoas de fé, seu próprio testemunho poderá ser ouvido em sua integridade”¹⁶.

Isso suscita perguntas sobre diversas questões relacionadas às dificuldades geradas pelos novos paradigmas; que tornam os cristãos *escarmentados*¹⁷ diante dos novos tempos; levantam dúvidas se há, de fato, uma cegueira universal, deliberada ou inconsciente, de todos os povos não-cristãos; e perguntam pelos recursos de que se poderá lançar mão para o anúncio da boa nova, especialmente em tempo de mudança epocal. Há diferentes modos de lidar com os chamados novos paradigmas: ignorá-los, tomá-los parcialmente a sério, fazer esforços pastorais concentrados para contornar seus efeitos, ou transformá-los efetivamente em objetos de diálogo entre épocas.

Diante deste quadro, buscou-se debater a atuação das igrejas na sociedade contemporânea, analisando seus influxos a partir de duas contribuições: a dos ditames de natureza cultural que chegam da modernidade, a escolha de teólogos/as que pensam teologicamente com a lógica não-excludente da mecânica quântica, e, o levantamento de questões relevantes sobre a aproximação entre as eclesialidades e as diversas perspectivas que lidam com o diálogo inter-religioso.

A Teologia Pública enfatiza esse caráter da fé cristã, capaz de juntar aos públicos teológicos clássicos, temas ligados à economia, à cultura e à sociedade, razão pela qual ela escolheu o espaço público para exercer sua

¹⁶ *Ibidem*, p. 41-2.

¹⁷ Expressão usada por Geffré para descrever o ambiente de conflito, gerado por discursos teológicos em disputa e pela falta de efeito dos recursos normalmente utilizados no exercício do poder, como uma apatia imperial, uma falsa tolerância ou uma firme convicção contracultural. GEFFRÉ, C. La verdade del cristianismo en la era del pluralismo religioso. *Selecciones de Teología*, 37 (146): 138, abr-jun 1998. Claude Geffré, nasceu em Niort (França) em 1926, é um dos grandes nomes da teologia contemporânea. Professor honorário do Institut Catholique de Paris, desde 1968. Ensinou nas Faculdades Dominicaines de Saulchoir, chegando a ser reitor. Foi diretor

tarefa. Ao tornar-se uma *Teologia da Cidadania* na América Latina, colocou a reflexão teológica em movimento, criou a base para uma significativa consciência do caráter contextual geral da teologia, agregou os conceitos teológicos provenientes das margens sociais, culturais e econômicas, contribuiu para a descolonização teológica, pluralizou o conceito de libertação e garantiu um estatuto ontológico, situado histórica, pessoal e bibliograficamente¹⁸. Com essa perspectiva e a partir dos avanços conquistados, o instrumental transdisciplinar tornou-se fundamental para compreender e dialogar com elemento complexo da vida dessas sociedades.

1.3. Pertinência do Tema

O projeto é pertinente porque se propõe pesquisar uma temática eminentemente teológica, preocupada com a salvação e seu anúncio nas comunidades cristãs. Com o estímulo para não abandoná-lo e a percepção da salvação, como tema dos discursos e das práticas eclesiais tornados abrangentes pela Teologia do Diálogo Inter-religioso, e da América Latina, como espaço social, político, econômico e multi-religioso, surgiu o desafio de apresentar estímulos ao aprofundamento de uma teologia cristã latino-americana, que parta da perspectiva dos pobres, dialogue com a pós-modernidade e as teologias periféricas, e se indague sobre o objeto do seu trabalho, a partir da complexidade transdisciplinar.

A teologia enquanto saber a partir da Revelação, com base científica, a serviço das igrejas, religiões e sociedades, não pode desconsiderar os novos paradigmas, com os elementos novos, as linhas de reflexão, as demandas sociais e humanas, e os apelos candentes que brotam de situações do cotidiano. O mais emergencial é o que surge dos impactos da pós-modernidade. Ao mesmo tempo em que se detecta o fim de uma

do Cycle des Études de Doctorat, diretor da l'École biblique et archéologique française de Jérusalem e editor da coleção teológica *Cogitatio Fidei*, das Éditions du Cerf.

¹⁸ Ver RIBEIRO, A. C. *Confiar para viver. Horizonte*, 8(14): 254-9, jan.-jun 2009.

religiosidade pré-moderna, surgem documentos, depoimentos de autoridades religiosas, decisões das grandes potências econômico-militares, somadas às conseqüentes notícias sobre guerras e outros abusos, que impactam a vida de milhões de pessoas, especialmente os pobres, sempre mais expostos e, frequentemente desconsiderados em seu direito de viver, expressar sua fé, pensar a sua realidade e gerar um sentido religioso, que a teologia não pode olvidar.

Além da atualidade dos fatos, da demanda de sua interpretação e da sua abrangência social, essas situações testemunham que as culturas dos países desenvolvidos, alavancadas pelas exigências de produção de riqueza associadas à exploração de povos empobrecidos de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, são usados, no nível do discurso, para legitimar uma ordem social, política, econômica e religiosa injusta. De dentro dessa realidade emerge o discurso religioso que cria condições de aglutinar pessoas e comunidades, possibilitando a elaboração da fé e as reações diante do que os agride ou desconsidera. As pessoas indagam como viver a sua fé, dialogar com seu tempo e buscar respostas às questões.

Contingentes cada vez maiores têm se perguntado se continuam seguindo a orientação dada pelas igrejas e religiões, se dão ouvidos à teologia, um saber que tem legitimidade e autonomia, dispensando a tutela de igrejas e religiões ou agindo à revelia delas, ou se devem buscar, por seus próprios meios, outras respostas a questões centrais como a salvação ou a expressão da sua fé.

1.4. Relevância do assunto

A relevância teológica deste tema vem da soteriologia, dos novos paradigmas e da visão das eclesialidades latino-americanas na atualidade. A primeira, a partir da trindade que, como comunidade divina de envio, cria um espaço para que a igreja tenha parte na missão de Deus. A segunda,

porque os novos paradigmas ajudam a pensar no anúncio da salvação (*kerygma*) como resposta às perguntas surgidas na atualidade. E a terceira, a igreja, com toda sua fragilidade humana, na comunhão missional dos santos (*Communio Sanctorum*, D. Bonhoeffer), assumindo a profundidade do amor de Deus e sua vulnerabilidade. Assim ela constitui a assembleia (*ekklesía*) local dos crentes, empoderada pela mesma Palavra de Deus que a cria (*Creaturae Verbi*) e guiada pelo Espírito Santo para participar da missão de Deus. Ela se estende no espaço, incluindo diferentes tipos de comunhão e expressões, na teologia, que pode ter abrangência e dialogicidade, e no tempo, lidando com diferentes gerações.

Predestinada para ser conforme a imagem do Filho de Deus (Rm 8,29), a igreja não apenas participa do cumprimento da missão de Deus, mas também é, ao mesmo tempo, o sinal da sua presença. Só à medida que a igreja segue seu Senhor fielmente, confiando na presença do Cristo ressurreto em sua vida e testemunho, sua missão também reflete a vulnerabilidade do amor incondicional mostrado na cruz. Por isso, a missão é parte constitutiva de seu ser como *igreja una, santa, católica e apostólica*, professado no Credo Niceno-Constantinopolitano. A santidade da igreja não é sua alteridade do mundo, mas o estar num mundo violento e ferido. A apostolicidade se refere menos à hierarquia e às autoridades eclesiais do que à fé apostólica atuante na missão, na qual o que envia está presente. Por isso, a ênfase está mais na universalidade qualitativa da fé e sua implantação encarnacional em cada cultura do que na sua expansão quantitativa, sem esquecer que toda universalidade é culturalmente vinculada (tempo, lugar, cultura).

1.5. Problemas e Hipóteses

Para orientar a pesquisa e chegar a conclusões verificáveis, foi elaborado um Problema Central (PC), subdividido em três subproblemas (sp1), (sp2) e (sp3). O Problema Central é: *Quais as contribuições das eclesialidades*

latino-americanas para a elaboração de uma Teologia do Diálogo Inter-religioso? (PC).

O pesquisador elaborou uma Hipótese Central (HC), em resposta ao problema central, que foi subdividida em três sub-hipóteses (sh1), (sh2) e (sh3). A Hipótese Central é: *As eclesialidades latino-americanas têm contribuído para o Diálogo Inter-religioso ao desenvolver a compreensão, a interlocução e a troca com a modernidade, o mundo dos pobres, das mulheres, dos negros e dos índios (HC).*

Ao interessar-se pelos desafios da expressão da fé cristã em nosso continente, foi elaborado o primeiro subproblema: *Como o diálogo com a modernidade tardia e movimentos marginais, como a hermenêutica a partir da libertação, das mulheres, dos negros e dos índios da América-Latina, pode enunciar os caminhos a serem trilhados para elaborar uma Teologia do Diálogo Inter-religioso? (sp1).*

A primeira sub-hipótese, em resposta ao sp1, é: *O diálogo com a modernidade e movimentos periféricos, a partir de uma hermenêutica na ótica dos pobres, das mulheres, dos negros e dos índios, ajudará a lidar respeitosamente com os que buscam a salvação, diferentes e iguais, aprendendo do olhar dos despossuídos e dos discriminados (sh1).*

Diante da urgência de uma linguagem e de uma reflexão sobre a realidade religiosa, o segundo subproblema indaga: *como superar a teologia da cristandade, deixar-se questionar pela complexidade transreligiosa e dialogar com os paradigmas culturais latino-americanos para propor uma Teologia do diálogo inter-religioso? (sp2).*

Diante das questões do sp2, a segunda sub-hipótese se valeu dos dados da pesquisa para: *a partir da complexidade, aprender a aprender com os saberes transdisciplinares, com a teologia elaborada a partir dos paradigmas culturais latino-americanos, somada à hermenêutica resultante do olhar liberacionista, feminista, negro e indígena (sh2).*

O terceiro subproblema, dentro do esforço de elaboração de uma teologia latino-americana do diálogo inter-religioso, pergunta: *como avançar das teologias confessionais e dogmáticas para as teologias que dialoguem com a pós-modernidade e os outros saberes; e avançar da Teologia ecumênica para a Teologia do Diálogo Inter-religioso? (sp3).*

A terceira sub-hipótese propõe *uma teologia sobre o papel das eclesialidades latino-americanas, que cumpra os ritos de passagem das teologias de saberes clássicos para as teologias das periferias; do mistério cristalizado em fórmulas para o que brota do sofrimento humano; das respostas que aprenderam a aguardar as perguntas, especialmente as que carregam séculos de exploração, discriminação e sofrimento; dos discursos distintos – que supõem alguém de quem distinguir-se – dos vencedores, aos discursos in-distintos – que não exigem a distinção – sendo guardados na alma e na memória dos vencidos (sh3).*

Passamos a analisar as análises e propostas que surgiram da pesquisa desenvolvida a partir deste projeto, e que agora será submetida à análise dos leitores.